

CRÍTICA FILME | CARA-DE-BARRO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O Dorian Gray dos balãoezinhos

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Depois da vergonha que passou com “Supergirl”, o pior filme do ano (até agora), a DC sofre abalos em seu projeto de rivalizar - para além do mercado editorial - com a Marvel, apostando no cinema como uma arena paralela. Quer, de todo jeito, disputar hegemonia no imaginário das HQs, no qual o Cara-de-Barro sempre foi um vilão secundário.

Como a ideia de explorar a fauna de tipos maus de Gotham City já rendeu à Warner Bros. um cult de bilheteria bilionária vencedor de Oscars (“Coringa”, ganhador do Leão de Ouro de Veneza, em 2019), não haveria razão de dar adeus ao projeto de levar os inimigos do Homem-Morcego às telonas. Só não se esperava que o trabalho do cineasta James Watkins, ao moldar uma narrativa minimamente digna com um criminoso de feições maleáveis, saís-



Divulgação

O Overman de Caco Ciocler dá mais vexame do que o Deadpool

se tão sofisticado.

“Clayface” funciona como thriller (cheio de suspense), tem estilo requintado de filme noir clássico e ainda cai como uma luva nesta época do ano na qual a festa de Halloween (o 31 de outubro) convida o audiovisual a lançar narrativas horroríficas. Temos aqui

algo que dá aflição... e medo... num debate moral.

O Cara-de-Barro que quadrinhófilos conhecem surgiu em 1940, com ecos de “O Fantasma da Ópera”, inspirado em atores da caracterização sombria como Lon Chaney, Boris Karloff e Basil Rathbone. Seu nome era Basil Karlo

e seu intuito era copiar tramas de terror para assustar o povo de Gotham. Mais adiante, em 1961, o codinome do personagem foi aplicado a Matt Hagen, um sujeito capaz de alterar a própria forma.

Recentemente, a Panini Comics publicou no Brasil o álbum gráfico “Um Dia Ruim”, pilotado por

artistas como Collin Kelly, Jackson Lanzing e Xermanico, combinando os perfis de Hagen e Karlo. Pautado numa montagem febril, o longa de Watkins (realizador de “A Mulher de Preto” e “Atentado em Paris”) investe nessa mesma combinação, mapeando os bastidores da indústria do audiovisual sem puderes da cultura woke

Seu Matt Hagen é o dionisíaco Tom Rhys Harries (em inspirada atuação). Astro em ascensão, ele sofre uma brutal retaliação de um mafioso e vê sua beleza apolínea ir pro brejo, ao tomar uma coça. Com zero chance de voltar a atuar, recorre às pesquisas dermatológicas e carnis de uma cientista, a Dra. Caitlyn (Naomi Ackie), a fim de restaurar seu look angelical. O pacto que decide travar com o saber científico vai custar algo além de sua alma. Qual um Dorian Gray pós-moderno, ele perde a lucidez. Essa perda é galvanizada pela habilidade que adquire de metamorfosear sua aparência. Trocar de rosto é apenas uma fração de seu desejo de esculpir um novo destino, o que deflagra um comportamento nas raiais da vilania. O Cara-de-Barro nos assusta, em especial pela estrutura de body horror à la “A Substância” (2024) no qual Watkins investe, para banhar a telona de sangue, com olhos rasgados e sede de vingança. O capricho com a direção de arte evoca a riqueza visual das revistinhas da DC, como há tempos não se via.

CRÍTICA FILME | OVERMAN

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Não contavam com a astúcia do Chapolim da Laerte

Um dos atores mais prolíficos (e inventivos) deste país, onde também é um sazonal diretor, Caco Ciocler vive momentos similares aos da experiência de Michael Keaton em “Birdman” (de 2014) na delícia que é “Overman”. Calorosamente aplaudida no Festival do Rio, essa produção de Iafa Britz funciona na telona como se fosse um exemplar da revista “Mad” em forma de filme.

Seu realizador, Tomás Portella, teve um cuidado que pouquíssimos cineastas (Ang Lee é o mais notório nessa seara) têm ao adaptar HQs: incorporar plasticamente no plano, pelas vias dos enquadramentos, a estética das artes gráficas.

Seu filme parece uma tirinha viva, graças à sagacidade de Cláudio Amaral Peixoto na direção de arte, em sintonia com os quadrinhos da Laerte. Talento que ainda não desfruta do prestígio merecido, o diretor, conhecido por “Desculpe O Transtorno” (2016) e “Operações Especiais” (2015), embrenha-se por um mar de quadrinhos brasileiros a fim de dar ao nosso cinema um super-herói que seria reprovado pelos Vingadores e faria o Deadpool passar vergonha.

Assim mesmo, o Overman de Caco Ciocler é chamado pelo governador do Rio para a Secretaria de Segurança Pública. Diante do talento magistral de seu protago-



Divulgação

O Overman de Caco Ciocler dá mais vexame do que o Deadpool

nista, essa convocação é bem justificada. E dela há de brotar um mar de risos. Caco faz de seu vigilante uma mistura de Hellboy com o Pacificador de John Cena. Victor Lamoglia rouba muitas cenas pra si (como já é seu costume) no papel de um Robin comunista.

Já Karina Ramil faz da Mulher-Cachorro uma Viúva Negra subtropical cheia de empoderamento e graça. O que ela entrega é destemido, assim como Maria Lucas (no papel de uma celebridade midiática) numa mirada crítica para o heroísmo que mais parece Chapolim Colorado, só que com ação a granel.

Perfumada de antropofagia, a narrativa de Portella se sganzerla bem no diálogo com Laerte, um signo trans. Sua obra (e sua vida) são transgressão pura. “Overman” segue nesse barato, vestido por Reka Koves e Nathalia Campos, que dão aula de saber pop na confecção dos figurinos.